

Tradução: Teresa Sobral e Paulo Lage;
Direção artística e Encenação: Teresa Sobral;
Interpretação: Adriano Carvalho; Álvaro Correia;
Isabel Aboim Inglez; Jorge Fernandes; Martim
Pedroso; Miguel Sobral Curado; Miguel Damião;
Imagens desenhadas ao vivo: Isabel Aboim Inglez;
Corpo: Sílvia Real; Dinâmica de combate: Sensei
Victor Miranda; Música e sonoplastia: Miguel
Sobral Curado; Apoio ao movimento: Parkour
by Line Team, Alexandre Lopes e André Freitas;
Desenho de luz: Isabel Aboim Inglez; Produção
executiva: Mónica Talina/ Nova Companhia;
Agradecimentos: Filipe Lázaro, Ana Nave e
Ana Rita Silva.

Uma produção: São Luiz Teatro Municipal

Apoios: KLIP, Viarco, Fábrica de Lápis, FPTN - Fábrica
de Papel de Torres Novas, Reebok, Benetton,
CIRCOS - Loja de Malabarismo, FEPSA- FELTROS
PORTUGUESES, Artiwood, Flying Tiger, Junta de
Freguesia Santa Maria Maior, PSG, Segurança 24, Lda.



SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL



© ISABEL ABOIM INGLEZ

teatro

6-12 mar
estreia

CONVERSAS OUVIDAS POR MERO ACASO NUMA ESTAÇÃO DE COMBOIOS

ENCENAÇÃO TERESA SOBRAL

CINCO PEÇAS CURTAS
E UM POEMA DE LUIS CANO:

*Caranguejos; Canção do Cemitério;
O Mais Formoso dos Animais Domésticos;
A Forma Perfeita; Conversas Ouvidas
por Acaso num Comboio; Niños*

Segunda a sábado, 21h

Domingo, 17h30

Sala Mário Viegas

€12 (com descontos €5-€8,40)

M/12

Duração: 1h30

**7 mar – Conversa com a equipa
artística após o espetáculo**

LGP 10 mar

NO SÃO LUIZ POSSO...

Comprar um bilhete suspenso Começa por ser uma forma de oferecer a alguém a oportunidade de assistir a um espetáculo no Teatro São Luiz. O bilhete custa 7 euros e fica suspenso na bilheteira para usufruto de pessoas apoiadas pelas entidades às quais o São Luiz se associa: Albergues Nocturnos de Lisboa, Associação Coração Amarelo, Associação Gulliver, Associação SOL, Lar Jorbalán, Fundação Luís António de Oliveira, Casa de Abrigo da APAV ou CMPL – Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

São Luiz Teatro Municipal – **Direção Artística** Aida Tavares **Direção executiva** Joaquim René **Programação Mais Novos** Susana Duarte **Adjunta direção executiva** Margarida Pacheco **Secretária de direção** Olga Santos **Direção de produção** Tiza Gonçalves (Diretora), Susana Duarte (Adjunta), Andreia Luís, Margarida Sousa Dias **Direção técnica** Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto) **Iluminação** Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim **Maquinistas** António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira **Som** João Caldeira, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Responsável de manutenção e segurança** Ricardo Joaquim **Secretariado técnico** Sónia Rosa **Direção de cena** José Calixto, Maria Távora, Marta Pedroso, Ana Cristina Lucas (Assistente) **Direção de comunicação** Ana Pereira (Diretora), Elsa Barão, Nuno Santos **Relação com os públicos** Inês Almeida **Design gráfico** SilvaDesigners **Registo e edição vídeo** Tiago Fernandes **Bilheteira** Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelino **Frente de casa** Letras & Partituras **Coordenação** Ana Luísa Andrade, Teresa Magalhães, Cristiano Varela **Assistentes de sala** Ana Catarina Bento, Ana Sofia Martins, Catarina Ribeiro, Carolina Serrão, Daniela Magalhães, João Cunha, João Pedro, Manuela Andrade, Raquel Pratas, Sara Fernandes, Gonçalo Cruz **Segurança** Securitas **Limpeza** Astrolimpia



As personagens

Todos os dias, numa estação de comboios abandonada, 7 personagens esperam o comboio. Nada acontece, ninguém chega, ninguém parte.

O Comboio – o protagonista-ausente deste espectáculo – nunca virá.

Enquanto esperam e para preencher ou iludir o tédio dos dias vazios e sempre iguais, os sete, fazem jogos de teatro até a exaustão, montando, ensaiando e aperfeiçoando várias peças curtas. Histórias que não começam nem acabam.

Peças sem argumento e com personagens sem história e sem passado.

Minimalistas.

Ocupam um espaço e um tempo difuso, um plano trágico formado pela própria falta de eficácia da linguagem em explicar a sua situação.

Brincam ao teatro, mesmo sem terem nada para dizer.

Brincam enquanto esperam.

Esperam enquanto brincam.

As peças de teatro que fazem todos os dias

Caranguejos, unidos na miséria, construíram uma amizade de mãos. Não uma amizade verdadeira. Tal como as mãos, retomam sempre à mesma situação, só se podem separar um do outro até um certo limite. Têm sorte, apesar de tudo, caminham juntos.

O Mais Belo dos Animais Domésticos, o puro prazer da crueldade e do abuso de poder sobre o outro, a manipulação mental que leva à desarticulação do pensamento.

A Forma Perfeita a arte da conversação/oleografias com marcas douradas, um jogo de actores, uma paródia – tosca – da festa em *Platonov* de Tchecov onde nada acontece, onde impera uma atmosfera podre, onde tudo fracassa e ninguém o admite, onde os diálogos estão dissociados da acção. Onde nada é o que parece.

Canção do Cemitério, uma alusão aos coveiros em "Hamlet" do Shakespeare, aqui num puro jogo teatral, cuja paródia é à volta do papel que cada actor tem – ou deveria ter – em cena.

Niños, uma lista de crianças desaparecidas durante a ditadura militar na Argentina e encontradas ao abandono em 1985, a que Luis Cano irónicamente dá o nome de "Poema Teatral".

Conversas Ouvidas por acaso num Comboio, uma viagem, um comboio, 34 vezes que nos contam a mesma história "Através do janelim

tudo parece igual. Consegue-se ouvir bem longe o ladrar dos cães. E no entanto os homens morrem, velhos, sem terem viajado."

Análise sumária da obra de Luis Cano

No caso da obra do Luis Cano, no seu teatro, há uma procura constante de novos símbolos que ilustrem intuitivamente o absurdo do código das relações humanas. Há uma desconstrução da linguagem, reforçando na sua dramaturgia o despropósito e o esvaziamento de sentido com que estabelecemos a nossa esfera comunicacional, revelando conseqüentemente, o vazio.

O Luis Cano usa a linguagem como os poetas, ou seja, privilegia a forma. Está mais interessado na fonética da linguagem, na sua musicalidade, nas múltiplas possibilidades do discurso e na pluralidade de significados mais do que num significado definido e imutável; têm pouco a ver com o encadeamento da intriga e a coerência das ações, e como correspondem muito mais à simultaneidade da linguagem, ao ritmo, à forma de escrita, ao gesto, à projeção do espaço, mas também à falta de um sentido definido, às contradições semânticas, à poesia das palavras, às surpreendentes construções frásicas.

Há também uma sensação de inexistência de tempo que contamina o conceito de espaço e de lugar.

Em aditamento a estas tensões de linguagem e ausência de significado, personagem e ausência de personagem, tempo e ausência de tempo, espaço e vazio, confrontam-se também situações de tragédia e comédia, nascimento e morte, real e imaginário, memória e esquecimento, sabedoria e desconhecimento, visão e cegueira, esperança e desespero, mobilidade e imobilidade, fala e silêncio.

As imagens em cena projectam tudo isso, deixam o rasto da memória diária nas paredes por onde passam estas curtas histórias, são "o vento que passa através, e o que vem depois", como diz "O Velho".

O vento, tal como o teatro, deixa lastro à sua passagem.

Teresa Sobral, actriz e encenadora

Textos escritos de acordo com a antiga ortografia